



ÀS VEZES NEVA EM ABRIL

JOÃO SANTOS LOPES

Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote



“A minha opinião é que em Portugal, se há assuntos que são claramente tabus, um é a questão da guerra colonial. Ninguém fala sobre a guerra colonial ou, quando se fala, fala-se sempre de forma deturpada. O peso da guerra de África é muito forte. Aquela ideia de que os Portugueses são um povo de brandos costumes tem sido muito alimentada. Nós não somos realmente um povo de brandos costumes. Nunca tivemos aqui na nossa sociedade dinâmicas de desenvolvimento capitalista suficientemente intensas que gerassem uma filosofia individualista forte. É devido à ausência dessa filosofia que não atingimos ainda níveis de tensão racial tão agudos como se verifica nos países mais desenvolvidos.”

*Conversa com o autor,
no programa de Às vezes Neva em Abril.*

Faculdade de Letras de Lisboa



ULFL061534

ULFL061534

821 134 3

JOÃO SANTOS LOPES

ÀS VEZES NEVA EM ABRIL

Peça em Dois Actos

GRANDE PRÉMIO DE TEATRO PORTUGUÊS
SPA/NOVO GRUPO

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES / PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA
1998

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação
Lopes, João Santos
Às vezes neva em Abril
(Autores de língua portuguesa)
ISBN 972-20-1485-4
CDU 821.134.3-2



Publicações Dom Quixote, Lda.
Av. Cintura do Porto de Lisboa
Urbanização da Matinha – Lote A – 2.º C
1900 Lisboa

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 1998, João Santos Lopes

Capa: Cartaz do espectáculo do Novo Grupo

Revisão tipográfica: Filipe Rodrigues

1.ª edição: Junho de 1998
Depósito legal n.º 124592/98
Fotocomposição: ABC Gráfica, Lda.
Impressão e acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos

ISBN: 972-20-1485-4

*A representação ou reprodução desta peça, no todo ou em parte,
por qualquer meio, dependem de autorização que deverá ser soli-
citada à Sociedade Portuguesa de Autores, sob pena de procedi-
mento judicial.*

A esta peça foi atribuído o Grande Prémio de Teatro Português 1997 – Sociedade Portuguesa de Autores /Novo Grupo.

O Júri, constituído por Luiz Francisco Rebello e Fernando Dacosta (SPA), João Lourenço e Vera San Payo de Lemos (Novo Grupo), João Carneiro (Instituto das Artes Cénicas) e Fernando Midões (Associação Portuguesa de Críticos), pronunciou-se sobre ela nos termos que se seguem.

A RESPOSTA QUE É PRECISO DAR

Não faltam, na ficção novelesca, as obras alusivas à guerra colonial, aos seus traumas e sequelas (Lobo Antunes, João de Melo, José Manuel Mendes, para só citar alguns): mas o mesmo já não poderá dizer-se em relação ao teatro. Se exceptuarmos o *Jeep em segunda mão* de Fernando Dacosta, a *África* de Isabel Medina e o *Sentido da Epopeia* de Mário de Carvalho (que o «Bando» levou à cena sob o título de *Estilhaços*), o tema – tão preñado de virtualidades dramáticas – parece ter deixado indiferentes os nossos autores.

Mas eis que um jovem autor ousou abordá-lo nesta que julgo ser a sua primeira peça, logo distinguida com o Grande Prémio de Teatro instituído pela Sociedade Portuguesa de Autores em colaboração com o Novo Grupo de Teatro. *Às vezes Neva em Abril* é um texto duro, violento, incómodo (e acaso não será a incomodidade do tema que tem retraído os nossos dramaturgos, apesar de haverem decorrido mais de vinte anos sobre o fim do colonialismo?) – e o autor não recuou diante de nenhum obstáculo, quer ao nível das situações e do desenho das personagens, quer da linguagem através da qual aquelas se constroem e estas se definem, a tal ponto que pode quase afirmar-se ser ela o protagonista do drama.

GRANDE TEATRO PORTUGUÊS

As marcas da guerra colonial continuam a emergir. Silenciosamente, imprevisivelmente, irrompem com outros sintomas, outras manifestações, outras violências.

Os filhos dos que a fizeram saem hoje para as rua e refazem-na «ao contrário»: são brancos que lutam contra negros, em território português, território onde os segundos são os «invasores», os «atacantes»; onde ocupam as casas, os empregos, os espaços, os futuros dos primeiros.

Guerra de vingança se tornou. Vingança, por um lado, do que se perdeu em África, dos que morreram, se estropiaram lá. Vingança, por outro lado, dos que sofreram colonialismos, explorações, humilhações, violações, lá e cá.

O corpo – para destruir e desfrutar – é a grande arma dos jovens «guerrilheiros». O seu desejo é o *élan* que os precipita, os envolve, os expõe, os fragiliza.

É neste cenário que se desenrola *Às vezes Neva em Abril*, texto terrível, ousado, incómodo, sufocante, sem álibis, sem piedades, sem justiça, sem boas consciências.

As relações entre Portugal e África foram de paixão, de ciúme, isto é, de violência íntima, percebeu o autor – como já o tinha percebido Isabel Medina na notável peça *África*.

ÀS VEZES A LIBERDADE TAMBÉM SE TRANSFORMA NUM FARDO TRÁGICO

Com o Concurso para o Grande Prémio de Teatro Português, o Novo Grupo de Teatro e a Sociedade Portuguesa de Autores pretendem incentivar e divulgar a dramaturgia portuguesa em diversas vertentes. Para além do valor monetário, atribuído ao autor da peça vencedora, o prémio inclui a representação da peça no Teatro Aberto, a edição na colecção de teatro das Publicações Dom Quixote, a tradução para três línguas (inglês, alemão e espanhol) e a divulgação junto de editoras e companhias de teatro estrangeiras, especialmente interessadas na apresentação de textos de dramaturgia contemporânea.

O júri que em 1997 distinguiu *Às vezes Neva em Abril* de João Santos Lopes, decidiu juntar à responsabilidade pela escolha da peça a participação no processo da sua estreia absoluta. Foi assim que, na última reunião, ficou acordado que o júri iria assistir a alguns ensaios, para emitir a sua opinião sobre a leitura cénica da peça, e escreveria um texto para o programa do espectáculo.

Depois de ter sido um dos seis elementos do júri que leu e escolheu a peça, acabei por me tornar também responsável por essa outra leitura, a da encenação, que torna o texto vivo ao encaminhá-lo para a finalidade com que todos os textos de teatro são escri-

CAI NEVE EM ABRIL

Visões do apocalipse na era pós-cristã

No princípio, há uma porta que se abre, como o Livro dos Sete Selos, sobre um espaço envolto em trevas e mistério. Não é a criação do mundo, mas o apocalipse que está por revelar: a Besta ainda não trilhou os descaminhos com blasfêmias e ilusões, os jovens ainda não foram armados Cavaleiros e o Cordeiro ainda está por imolar. O rumor do caos ecoa na sobreposição de sons e frequências de um rádio. Quando a luz surge das trevas, Gabriel ostenta vestes e modos de quem comanda e procura fazer justiça à raiz do seu nome de «homem forte de Deus». No entanto, o seu pacto foi feito com o Diabo, com uma tenebrosa organização, Dragão das Sete Cabeças, que age na sombra, corroendo, com discursos melífluos e o fulgor do vil metal, tanto os poderes instituídos, a Igreja, o parlamento, os meios de comunicação, como os domínios dos jovens, as famílias, as escolas e os lugares de lazer.

Gabriel foi escolhido para Anjo do Abismo. Coube-lhe a ele eger Rafael, Pedro, Paulo e João, soltar-lhes os demónios e formar um séquito de apóstolos e anjos do mal, dispostos a perverter o sentido sagrado do sacrifício e a precipitar o mundo num abismo fatal. Subvertendo a palavra de Deus e dos anjos, Gabriel escl-

«FOI TUDO UM PESADELO»

Quase no final da peça, uma das personagens resume-a assim: «uma *black* foi violada, morta e atirada por brancos de um carro em andamento»; logo de seguida propõe uma outra versão dos factos, mais mediática: «uma jovem de raça negra foi encontrada sem vida, em frente a um bar frequentado por jovens de origem africana. Tudo indica que se terá tratado de mais um caso passionai.»

A reescrita desta narrativa por Gabriel, o que acha que ele e os outros são soldados e têm uma missão a cumprir, matando não só aquela *black* como todos os outros «grunhos», indica também um espaço de configuração do real em que esse real deixa de ter outros contornos que não os do discurso que o representa e que o cria. Se isso acontece com todos os discursos, no caso de Gabriel a distância aceitável entre o real a que ele se refere, mesmo longinquamente, e o real em que ele acredita é grande de mais para que alguma estabilidade seja possível.

É grande de mais a distância entre a África que existe e a África de Gabriel, uma África «em que estivemos tantos anos... a civilizar aqueles animais», para depois «perdermos tudo para eles». É grande de mais a distância entre o Portugal que existe e o Portugal em que a cabeça e o corpo de Gabriel existem, um Portugal em